



A ÉTICA A MORAL NAS RELAÇÕES FAMÍLIA E ESCOLA

Larissa Taís Seibt¹
Vânia Lisa Fischer Cossetin²

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí

Modalidade: Relato de Pesquisa

Eixo Temático: Ciências Humanas e suas Tecnologias

INTRODUÇÃO

A ética para La Taille (2009), não é apenas um conjunto de regras, mas uma reflexão crítica sobre as ações humanas, levando em conta as consequências no meio social. Desta forma, compreende escolhas racionais, não levando em conta apenas o bem pessoal, mas o bem-estar dos outros. Savater (1998) adiciona o sentido universal à ética, como um processo dinâmico de reflexão, mas que possa ser universal a todos. Ainda, ocupando-se das colocações de Cossetin (2022), pela importância de pontuar uma diferenciação, a ética se difere da moral por ser, de certa forma, a própria reflexão crítica da moral, requerendo maiores questionamentos sobre normativas morais que nos regem.

A ética e a moral, portanto, muito conversam com a educação, e os dois autores aqui já comentados retratam esse assunto muito bem em seus estudos e obras. Savater (1998) aborda que o educar não é apenas uma transmissão de conhecimentos práticos, mas sim a expressão de um projeto de sociedade. Isso nada mais é que um educar ético, e transmissão moral, e por isso a necessidade de uma ética e um educar universal, mas ao mesmo tempo da importância da autonomia, em prol desse projeto e ideal de vida.

Além disso, a relação família-escola também possui certa regência ética, pois por um lado tem “regras” sociais e culturais universalizadas, como exemplo a relação a partir das tarefas de casa, das reuniões de pais e mestres. No entanto, ainda são relações bastante regidas pela subjetividade, pois não há normas reais de como devem ser estabelecidas. Como pontuado por Cossetin (2022, p. 344), “nossa constituição humana singular se impõe, reforçando a tendência para a pluralidade”, principalmente em nossas relações. Desta forma, objetiva-se e muito se pode discutir ao entrar no campo ético e também moral das relações

¹ Bolsista PROSUC/Capes; mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; e-mail: larissa.seibt@sou.unijui.edu.br

² Doutora e Mestre em Filosofia; professora do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da Unijuí; e-mail: vania.cossetin@unijui.edu.br

entre as famílias dos alunos e a escola, e muito mais se deixa em lacunas ao abordar o assunto.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma pesquisa exploratória a partir de uma revisão bibliográfica, por ter como objetivo fornecer maior familiaridade e informações sobre o tema que será discutido (GIL, 2007). As fontes utilizadas são as discussões realizadas ao longo da disciplina de Ética e Formação, ministrada pela professora Vânia Cossetin, e os textos e ideias dos autores Yves de La Taille, Fernando Savater e Vânia Cossetin.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação tem como fim conservar aquilo que se considera importante de ser conservado, e assim a sociedade educa para a sociedade, procurando manter aquilo que é possível e útil, e descartar aquilo que pode ser uma ameaça. Quanto a isso pode-se pensar tanto a educação ofertada pela família, quanto a educação destinada pela escola, isso pois “o grupo impõe o aprendizado como um mecanismo de adaptação aos requisitos da coletividade” (SAVATER, 1998, p. 174).

Como afirma Savater (1998, p. 175) “educamos para satisfazer uma demanda que corresponde a um estereótipo – social, pessoal -, porém nesse processo de formação criamos uma insatisfação que nunca se conforma totalmente”. Isso, talvez, explicaria, em parte, a necessidade de se supor haver vários meios de ensinar e de aprender, e da necessidade de interação entre esses meios, como exemplo das instituições família e escola. Além disso, tem-se da relação família-escola quase uma obrigação dentro das responsabilidades de ambas as instituições, já que “quem pretende educar torna-se, de certo modo, responsável pelo mundo diante do educando” (SAVATER, 1998, p. 177), e talvez não seja tão vantajoso que essas duas instituições educadoras forneçam uma educação desconectada, mas sim que possam conversar.

Assim como a educação tem uma regência universal dentro do coletivo, também pode-se pensar que têm, ou poderiam ter, as relações família-escola. No entanto, novamente entra muito em voga a subjetividade e pluralidade dessas relações. De certa forma, cada escola possui uma certa autonomia para incluir ou afastar as famílias de seu meio, e cada família opta pela proximidade que deseja ou pode manter, dentro das regras explícitas ou implícitas que norteiam essa relação. Savater (1998) coloca que por mais que a educação vise sossegar os pais, acaba até por cancelá-los ou rebaixá-los, já que, a partir da educação, são colocadas as possibilidades do/para o sujeito, e assim ele é transformado em sujeito ativo frente à sua própria realidade. Pensa-se, desta forma, que não se trata de qual educação é a mais importante, aquela oriunda da família, ou a oferecida pela escola. Por isso também se abrem inúmeras discussões éticas sobre o direito ou possibilidade de trocar a educação na escola para a educação domiciliar. Isso por entrar em discussões sobre tudo que se ganha e

tudo que se perde, e de forma ética, sobre a dificuldade de universalização dentro dessa prática.

“É certo que a família tem papel importante na formação moral das crianças e dos adolescentes”, mas ainda há a questão de que se essa educação é suficiente ou se é de um todo válida, por contar com alguns fatores de interferência, como a diferença de regras e princípios morais na esfera privada e na esfera pública (LA TAILLE, 2009, p. 230). O autor faz essa colocação direcionada para a instituição família que é privada, e para a instituição escola, que é pública. No entanto, também pode ser pensada na esfera da educação pública e privada, que pode gerar diferentes relações família-escola, assim como se tem a impressão de que existe. Pensando na mesma crítica que era atribuída aos sofistas, de que eles nem sempre se utilizavam da verdade por estarem sendo remunerados, pode-se pensar que essa crítica existe para a necessidade de a escola privada manter maior e talvez maior contato com a família, por estar sendo remunerada, e conseqüentemente alvo de maior “controle”.

La Taille (2009) coloca que o espaço público é conhecido como “terra de ninguém”, enquanto deveria ser “terra de todos”, agindo como forma de privatização do público, e isso também pode ser pensado frente a como se dá o processo de operação de controle externo que opera na educação, por ser uma instituição privada e, no entanto, que ao mesmo tempo não se dá na instituição família. Outro motivo para que possam se estabelecer boas diretrizes para equilibrar uma relação família-escola, em que os dois dispositivos possam se beneficiar mutuamente. Mas isso ainda pode ser uma lacuna frente ao que pensar e ao que executar, por ter muitos ângulos a ser observado.

Por vivermos em uma inconstante moralmente, e a partir de um olhar ético, se sobressaltam questionamentos: é possível universalizar uma relação entre família e escola? E dentro desta temática, devemos ampliar a relação entre a escola e a família? Devemos deixar a família entrar na escola e opinar sobre como o papel da escola deve ser feito? E deixar que a escola palpite sobre o papel da família e a educação em casa? Ou devemos diminuir esse contato, e deixar que cada uma opere desde seus lugares específicos?

Ficam vários questionamentos improváveis de resposta, por se tratar de questões amplas demais dentro da sociedade e daquilo que já está colocado, normatizado ou não. Trata-se de uma relação antiga demais, um tanto já naturalizada, assim como Cossetin (2022) pontua que seria próprio da moral. Agimos como se a ética e a moral nos dissessem como devemos agir, sempre a partir de uma ideia de bem. E é assim que acontece também nas relações entre famílias e escolas. Não há nenhuma norma que rege essa complexa relação, por isso muito acaba recaindo sobre questões exclusivamente subjetivas e não acerca do que conviria à esfera pública, da vida comum.

CONCLUSÃO

A partir da discussão levantada, considera-se fundamental pensar as relações família-escola a partir de um olhar ético, que questiona as questões morais operantes e que procura considerar aspectos universais desse campo.

27 de outubro de 2023 - Unijuí - Campus Ijuí



A impressão que fica é que temos controle sobre pouco, que muito já está colocado e que, em nossas ações, estamos correndo atrás do relógio para sempre buscar o “bem” mencionado, o que acreditamos ser melhor, por mais que por vezes ele possa ter resultado em ações não tão boas assim. Uma maneira é procurar apresentar e dar razões aos propósitos aos quais estamos em busca, talvez daí possa advir um bem.

Palavras-chave: Ética. Moral. Relações. Família. Escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSETIN, Vânia Lisa Fischer. Para começar a falar sobre ética. **Filosofia e Educação**, v. 14, n. 1, p. 339-361, 2022. Acesso em 03 jul 2023. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8666721>

LA TAILLE, Yves de. Cultura do “respeito de si”. *In*: LA TAILLE, Yves de. **Formação ética: do tédio ao respeito de si**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 223-231.

SAVATER, Fernando. Educar é universalizar. *In*: SAVATER, Fernando. **O valor de educar**. São Paulo: Martin Fontes, 1998, p. 169-196.